

UMA SUGESTÃO PARA GENEBRA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Lá estão em Genebra, mais uma vez, os representantes do mundo ocidental que vão enfrentar as habilidades russas cumprindo, mais uma vez, uma cansativa, inútil e indisponível missão. Tudo são paradoxos quando se fazem aprestos para uma aliança e um entendimento com homens que professam alegremente uma filosofia, que reputam avançada e moderna, e que justamente nega peremptoriamente a validade de qualquer compromisso. A única desculpa, a única esperança de tal reunião está na idéia de uma tentativa de achar um interesse comum entre as duas partes. Mas esse interesse comum não existe, a não ser em coisas mínimas e inoperantes. E ainda que existisse, onde iremos nós buscar e achar o fundamento da confiança no pacto feito hoje em termos de um transitório interesse comum? A mim me parece óbvio que os dirigentes da União Soviética não mereçam nenhum crédito, e note bem o leitor que não digo isto com paixão, com ênfase de quem foi recentemente enganado, com fanatismo religioso, ou qualquer outra espécie de sentimento. Escrevo aquela proposição com apatia, com ausência total de emoção, como quem escrevesse pela centésima vez, diante de um público desatento, alguma proposição relativa às bisettrizes ou às medianas de um triângulo. O descrédito internacional da União Soviética decorre da ausência de liberdade de opinião dentro do país. A sufocação da crítica interna, que é o primeiro fiador de um país, é a razão de ser da anulação do crédito externo. Quem não pode ser denunciado pelos observadores mais próximos, não merece ser acreditado pelos distantes. Por isso, quando o sr. Krushev diz qualquer coisa, como vive dizendo, essa qualquer coisa não tem para mim, e julgo que não deva ter para ninguém, nenhuma significação. Não servirá sequer para dar aos ardilosos observadores do panorama internacional uma pista, um sinal dos sentimentos ocultos do temido líder vermelho, pois pode perfeitamente acontecer que a tal palavra soviética tenha sido transmitida para dar aos comentadores internacionais uma falsa impressão. Quando a mentira ganha foros de primeira categoria filosófica não é possível nenhuma comunicação, nenhum entendimento. A história dos dois russos

que se encontraram no trem é expressiva desse estado de coisas que bem serviria para o sr. Bertrand Russell provar, mais uma vez, a falência da lógica aristotélica. Ivan e Dimitri se encontram num trem.

— Onde vais, pergunta Dimitri a Ivan.

— Vou a Kiev, responde Ivan com simplicidade.

— Por que fazes isto comigo, Ivan Ivanowitch? Não fui eu sempre teu amigo nas horas difíceis?

— Bem sei Dimitri Paulowitch. Mas a verdade é que eu vou mesmo para Kiev...

— Pensas que eu caio? Eu sei que você vai para Kiev. Mas você está dizendo que vai para Kiev para eu ficar pensando que você não vai para Kiev!

Parecida com isto, mas em termos mais pomposos, deve ser a ata da reunião dos chanceleres em Genebra. O único interesse que tenho nessa cerimônia é o de ver funcionar o novo Secretário de Estado americano. E não oculto a ninguém a minha torcida: é simplesmente a de ver o sr. Herter continuar a sensata e austera linha de conduta deixada pelo sr. Foster Dulles. Haverá perigo para o mundo se os dirigentes americanos se habituarem ao fenômeno comunista e se o Secretário de Estado achar mais bonito ser aberto, liberal e compreensivo com o fenômeno que sobrecarrega o mundo moderno. Para muita gente o comunismo e a Rússia soviética, a custa de durar e de prolongar sua experiência, já ganhou títulos de normalidade. E' um regime tão respeitável como os outros. E' uma estrutura política tão aceitável como a monarquia inglesa ou a república norte-americana. Ora, eu não posso habituar-me ao fenômeno. Dure ele um século, e durasse eu outrotanto, teria o mesmo fresco desejo de vê-lo extinto e vencido pelo mundo livre.

No momento, o desejo unânime dos democratas do mundo inteiro isto é, dos homens de alma livre, só pode ser o de uma Alemanha unificada, mas unificada fora da influência soviética. Só me tranquilizaria uma solução em que o mundo ocidental propusesse, como condição irrevogável, um recuo da influência soviética e uma permanência das forças aliadas para garantir a evacuação comunista. Sugeria que as forças aliadas permanecessem na Alemanha e nas

duas partes de Berlim durante o número de meses que poderia ser igual ao da aliança feita entre a Alemanha nazista e a Rússia Stalinista em 22 de Setembro de 1939 e só rompida por Hitler em 22 de junho de 1941. Durante vinte e um meses a União Soviética e a Alemanha nazista foram aliados, foram comparsas, foram cúmplices. Basta-me acender o pavio da memória para tornar a ver uma das cenas mais odiosas da história contemporânea: Ribentrop desce de um avião recém-chegado de Berlim em terras da Polônia e aperta a mão estendida de Molotov. Ambos de casacos compridos, cinzentos ambos felizes. E nós, cá no Brasil no fundo da sala escura do cinema, cerravamos os dentes dizendo: "Até quando, meu Deus?" Fizeram a partilha da Polônia e cada um de seu lado sonhava com o dia venturoso da partilha do mundo. E cada um arquetava a punhalada que daria nas costas do outro. Hitler foi mais rápido, ou mais louco. Dois anos depois do casamento, apunhalava a Rússia e despejava tropas em caminho de Estalinegrado. Os alemães invadiram uma área enorme da Rússia stalinista; tomaram cerca de um milhão de quilômetros quadrados. E a Rússia gritou or socorro implorou aos países do ocidente socorro urgente. Acendendo o tal pavio da memória torno a ver uma figura publicada numa revista ilustrada: a quantidade fabulosa de material bélico enviada pelos americanos aos russos atulhava um porto setentrional da Rússia.

Por essas e outras eu acho que a discussão dos chanceleres em Genebra devia ter um tom diferente do habitual. A União Soviética seria convidada a ficar vinte e um meses ausente do território alemão que por esse tempo, na parte oriental teria o controle dos aliados ocidentais. Dirão que minha idéia é utópica e estúpida. Estúpida não é porque se funda numa outra cuja validade me parece incontestável, e que é a seguinte: com um país totalitário e maquiavélico o único argumento que vale é a ameaça física. Utópica também não me parece porque no momento as forças democráticas são ainda mais fortes e eficazes do que as soviéticas. Ao contrário, louca e utópica me parece a ideia de chegar a um acordo e a ideia de vê-lo respeitado pela civilização soviética.